



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



A escrita como forma de constituir-se professor-pesquisador: pensar a pesquisa a partir de si em si e dos outros em si

Vivian dos Santos Calixto^{1*} (PG); Maria do Carmo Galiuzzi² (PQ)

^{1*} Viviancalixto89@gmail.com; ² mcgaliuzzi@gmail.com

Palavras-Chave: Monografia, Escrita, Professor-pesquisador.

Área Temática: Formação de Professores

Resumo: Este trabalho apresenta algumas compreensões de uma pesquisa que buscou compreender a constituição de licenciandos formandos ao longo do processo de produção de pesquisa na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia² do Curso de Química - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Foram analisadas as escritas dos diários de pesquisa de dezessete licenciandos, produzidos em 2010, ao longo da disciplina. A metodologia de análise dos diários está ancorada na Análise Textual Discursiva (ATD) desenvolvida por Moraes e Galiuzzi (2007). Da análise dos diários chegou-se a 3 categorias finais. Neste trabalho apresentamos algumas compreensões acerca da segunda categoria intitulada “A escrita como forma de constituir-se professor-pesquisador: pensar a pesquisa a partir de si em si e dos outros em si”.

O CONTEXTO DA PESQUISA

Este texto apresenta algumas compreensões advindas de uma pesquisa de mestrado que buscou investigar a formação de professores-pesquisadores ao fazer pesquisa na disciplina de monografia no curso de Química-Licenciatura da FURG. Tendo como questão de pesquisa: Como nos tornamos professores ao fazer pesquisa na disciplina de monografia. Ao longo do texto apresentamos um dos metatextos, decorrente de uma das categorias que emergiram da análise das escritas dos diários produzidos por dezessete licenciandos no ano de 2010. Que aponta algumas possibilidades da escrita enquanto proposta na formação de professores-pesquisadores.

A PROPOSTA DE ESCRITA COMO MEIO DE CONSTITUIR-SE PROFESSOR-PESQUISADOR: DO EXERCÍCIO A COMPREENSÃO DE FORMAÇÃO

A escrita permeia as ações envolvidas na formação dos licenciandos ao longo do curso, desde as produzidas nos Portfólios nos estágios curriculares até as do diário de pesquisa da monografia, além do processo de escrita decorrente da estruturação e desenvolvimento do projeto de pesquisa em si. A aposta da escrita ancora-se em um pressuposto de que se escreve para pensar (GALIAZZI, 2011; MARQUES, 2008). As primeiras ideias, argumentos, estratégias, compreensões e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.

² Ao longo do texto abordarei a disciplina como monografia e não com Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia como é descrita na matriz curricular do curso.



reflexões são expressas por meio do registro escrito com intuito de formar o escrevente e os possíveis interlocutores no processo.

No movimento inicial de pesquisa na escolha e delimitação do tema, a escrita surge como uma possibilidade de proporcionar ao licenciando pensar sobre os questionamentos que o movem para escolher um tema e não outro, buscar compreender um determinado contexto em detrimento de outro e de que forma fazê-lo. Nesse sentido a escrita no diário potencializa o encontro do foco, pois o licenciando tem o espaço de organizar seus argumentos iniciais e perceber o que pode ser melhorado dando movimento a pesquisa. Segundo Marques (2008, p.96):

[...] a forma do tema na pesquisa não é forma de proposição acabada, de juízo definitivo. É, sim, a forma da hipótese, isto é, de nova pergunta feita à experiência antecedente do conhecimento que se tem a partir de práticas desenvolvidas ou de leituras feitas. Pergunta precisa, formulada de maneira a poder conduzir explícita e sistematicamente a pesquisa.

Começar a escrever anuncia-se como um dos desafios iniciais de fazer pesquisa para os licenciandos. É difícil dar início a escrita, mas é por meio dela que o pesquisador tem a possibilidade de pensar sobre a pesquisa que pretende desenvolver. O branco da tela do computador, ou da folha de papel, assusta na hora de escrever e algumas inquietações surgem como por onde começar, o que escrever primeiro, de que forma expressar, enfim são mais inquietações no percurso da pesquisa. A licencianda Natasha relata em seu diário um momento de bloqueio em relação a escrita:

Estou me sentindo sem ideias, como se estivesse num momento de “branco” total, leio, escuto troco informações com colegas e não consigo fazer, ou melhor, produzir nada.

Olho para a monografia e não consigo partir do estágio em que parei, espero que seja algo passageiro, pois as minhas ideias parecem que dormem, preciso que elas acordem urgentemente. [13]³

Marques (2008, p.81) argumenta que “as resistências ao ato de escrever são aliás, comuns mesmo entre os que a ele se dedicam de forma acentuada.” Escrever não se trata de uma tarefa fácil, configura-se como atividade complexa e que produz novos significados as nossas ações e compreensões. Expõem questões sobre nós mesmos que não nos pareciam claras e que por meio do registro demonstram nossas incompreensões e limitações. Assim como escrever é preciso e princípio para fazer pesquisa, defendido por Marques (2008), envolver-se na escrita é essencial para melhor expor nossos argumentos de forma coerente e articulada.

Nas palavras de Marques (2008, p.44) “não é a escrita mera transcrição gráfica da fala, mas negociação de sentidos com interlocutores outros, que, pelo fato

³ O número que aparece entre colchetes representa a ordem com que a escrita aparece no diário de pesquisa. No caso significa a 13 escrita no diário de Natasha.



de serem apenas potenciais, se fazem mais exigente e fazem da página que se escreve lugar mais amplo dos muitos sentidos virtuais.” Diante desta argumentação podemos compreender a dificuldade relatada pelos licenciandos ao iniciar o processo de escrita na pesquisa, não se trata apenas da transcrição do que pensamos, mas da transposição destas ideias do plano mental para o físico da tela do computador ou da folha.

Ainda na discussão sobre as dificuldades articuladas a escrita Meira (2007, p.35) aponta que:

A escrita desacomoda-nos de qualquer posição mais cômoda que pretendemos manter. Ao escrever, somos constantemente desafiados por um estado de não-saber, de indefinição, de incerteza, que nos coloca em uma posição difícil, acostumados que estamos a ter domínio das situações. A tolerância e a paciência na escrita são, acima de tudo, um exercício de renúncias que efetua em vários níveis: não sabemos tudo, não abarcamos toda a teoria, não esgotamos o assunto, não lemos todos os autores, não examinamos todos os pontos, não escrevemos tão bem quanto gostaríamos.

Escrever ao longo do processo de pesquisa promove um movimento onde o escrevente é desacomodado e levado a compreender que ele não sabe e nem saberá tudo da forma como pensava e esperava saber, mesmo dedicando-se não conseguirá estudar e se apropriar de toda a teoria que gostaria, não conseguirá trabalhar todo o tema como imaginava e percebendo que não escreve da forma como esperava. Possibilita assim ao licenciando e pesquisador iniciante compreender suas limitações e incompletude, proporcionando-o colocar-se como aprendiz.

No ato da escrita o autor acaba sendo seu primeiro leitor, potencializando ainda mais novas compreensões e possibilidades de organização e sistematização de sua pesquisa. Experiência narrada pela licencianda Vanessa em seu diário:

Às vezes me pergunto, por que será que quando menos esperamos, nos pegamos pensando na monografia, e em tudo que escrevemos, onde então começa a bater um desespero incrível e indagações que fazemos para nós mesmos sobre tudo aquilo que colocamos no trabalho.

Penso que no trabalho de monografia, do começo ao final, nós estamos o tempo todo dialogando com nós mesmos, onde servimos de autores e leitores nesse processo. Angustias quando bate o sentimento de não estarmos certos, ou de fazer a coisa errada, alegria quando vemos que o leitor ao ler nosso trabalho escreveu algo que nos deixou contente. Um sentimento de tristeza com algumas críticas, mas ao mesmo tempo falamos com nós mesmos:- “Peraí o que foi escrito é para melhorar o meu trabalho”. [26]



Sobre essa experiência Meira (2007, p.28) argumenta que “não há uma escrita sem uma vivência intensa de sentimentos que põem em vigoroso movimento nossa dinâmica interna, porquanto produção mental e conjugadora de processos emocionais.” Esse turbilhão de emoções inunda o pesquisador de tal forma que transforma cada nova sensação em novas aprendizagens sobre fazer pesquisa em Educação Química. Segundo Marques (2008, p.84):

No ato de escrever a presença do leitor, por ser apenas tácita e expectante, faz com que quem escreve escreva de si dizendo-se a si mesmo coisas que jamais saberia se não as confiasse ao corpo mudo da folha, expressando sentimentos e ideias que não experimentaria se não as escrevesse ou dissesse a alguém. Dessa forma, o escrevente é seu primeiro leitor/parceiro na significância que só a interlocução empresta a fala e a escrita. O pesquisador escreve para aprender sobre sua pesquisa

O escrevente configura-se como seu primeiro leitor e usa as palavras como forma de organizar suas ideias e torná-las mais claras primeiramente para si mesmo, para posteriormente partilhar com os demais leitores. Nesse contexto (re) organiza o texto diante de suas próprias interpretações e posteriormente por meio das leituras de outros interlocutores.

A leitura crítica na monografia possibilita ao pesquisador um novo olhar sobre o que escreveu e sobre os significados que produziu na escrita. A interpretação dos outros perante o que se escreve demonstra o que nem para o escrevente estava claro. Meira (2007, p.46) argumenta sobre o processo de leitura crítica no sentido de que:

Aceitar as correções (se elas fazem sentido) fala de uma capacidade, a saber: de estarmos abertos ao (re) conhecimento de nós mesmos e de nossa produção. O outro, com seu exame, tem o poder nos dizer de nosso trabalho. Todavia, este poder estará mais ou menos de acordo com a nossa percepção, e esta se desestabilizará mais ou menos pela avaliação alheia.

Estar atento as contribuições do leitor crítico não significa simplesmente aceitá-las, mas sim olhar para o que foi escrito por uma outra perspectiva o que permite ao escrevente perceber significados sobre o que escreveu que nem ele havia pensado. Abrir-se para esse diálogo de interpretações permite a construção de um texto que represente ao máximo possível as apostas e compreensões do autor.

Nesse turbilhão de emoções, onde o medo por expor o escrito e a ousadia em mostrá-lo se confrontam, a compreensão da escrita como atividade importante na pesquisa e na formação vai se tornando mais nítida ao longo do processo e do percurso dos licenciandos no curso e na concretização da pesquisa na monografia. Como é relatado pela licencianda Victória em seu diário:

Mesmo que em alguns momentos a escrita não nos pareça algo tão importante, à medida que escrevemos podemos perceber tudo ou parte do que sabemos e o que não sabemos. Assim, a qualidade do conteúdo da escrita transcende horizontes antes não desbravados. [25]



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



A medida que se envolve com a escrita e enfrenta as dificuldades iniciais os licenciandos começam a perceber as potencialidades envolvidas no ato de escrever. Compreendendo a escrita enquanto potência na formação Galiazzi (2011, p. 96) aposta que:

Se somos produtos da linguagem e da cultura, que se construiu pela possibilidade de armazenar informações, e nisso a escrita desempenhou um papel fundamental, podemos pensar que os recursos como a linguagem e a escrita formaram e continuam formando a percepção, a ação e, na verdade, a consciência. Os recursos culturais, portanto, desempenham um papel importante na cognição.

Nesse contexto vivenciar um processo de formação, que vem trabalhando com a linguagem enquanto possibilidade de formação proporciona a estes licenciandos minimizar a dificuldade para com o exercício de escrita. O trabalho com a mesma, visando a formação na área da Educação Química, é trabalhado ao longo dos estágios desde o início do curso o que acaba favorecendo o processo de escrita da monografia. Assim, a atividade de escrita que é trabalhada desde os primeiros estágios oportuniza ao licenciando aprender a escrever, como é narrado pela licencianda Amanda:

Escrever para mim sempre foi algo difícil, pois sempre tive dificuldade em me expressar através da escrita. Quando entrei na graduação me deparei com várias atividades que foram trabalhando a escrita, como os Estágios e o PIBID. A partir disto, fui passando a escrever mais e com esta melhora pude aperfeiçoar a escrita, pois quanto mais escrevemos, mais nos adaptamos ao trabalho com a mesma.

Porém, agora que tenho que escrever minha monografia mesmo tendo melhorado meu hábito com a escrita, tenho tido algumas dificuldades. Acredito que o maior obstáculo da monografia é realmente a escrita, pois organizar as ideias, ter criatividade e saber se expressar é difícil.

Por isto trabalhar a escrita desde cedo é muito importante e ter este hábito auxilia e muito na formação de nós licenciandos. Por isso acredito que quanto mais se escreve mais se aprende e mais flui a escrita. [2]

Sobre a potencialidade do trabalho com a escrita na formação Meira (2007, p.24) argumenta que:

O escrever é atividade corrente do fazer profissional, especialmente para quem se insere em Cursos de Formação, Especialização ou Academia. Faz-se presente pela necessidade de relatórios, *papers*, monografias de conclusão, relato de casos para supervisão, para apresentação, e na realização de trabalhos científicos. Muitas vezes, são escritos obrigatórios, com um objetivo curricular, mas põem em movimento uma função



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



intrapésica que alcança um ponto bem mais distante no que de profundo existe em nós.

A atividade de escrita decorrente do processo de pesquisa envolve a recursividade como possibilidade de (re) pensar e melhor organizar a forma como alguns argumentos foram expostos. Nesse sentido a licencianda Vanessa relata esse processo de (re) escrita envolvido na pesquisa:

Em um desses dias quando comecei a rever algumas coisas no computador, cliquei em uma pasta que continha várias e várias escritas as quais reescrevi para colocar na monografia. Mas as reescritas não eram somente as digitadas, mas muitas escritas no papel. O que me chamou a atenção é que no processo de monografia, começamos escrevendo algo e vamos reescrevendo inúmeras vezes, quando vamos amadurecendo e estudando mais sobre o tema sobre o qual estamos escrevendo. Mas as coisas que vamos reescrevendo e não colocamos fora não servem apenas para recordar, elas muitas vezes podem nos ajudar a ter mais ideias e a colocarmos algo na escrita que já havíamos esquecido. [19]

Diante das reflexões da licencianda sobre o processo recursivo da escrita envolvido na leitura do texto que produziram na pesquisa, Marques (2008, p.92) argumenta que:

[...] importa escrever para buscar o que ler, importa ler para reescrever o que se escreveu e o que se leu. Antes o escrever, depois o ler para o reescrever. Isso é procurar; é aprender: atos em que o homem se recria de contínuo, sem se repetir. Isso é pesquisar.

A escrita no diário de pesquisa oportuniza aos licenciandos refletir sobre o processo de pesquisa desenvolvido ao longo de quase um ano na monografia. As inquietações e sentimentos atrelados a produção da pesquisa, assim como os diferentes momentos vivenciados pelos pesquisadores acabam permeando as escritas.

As aprendizagens do pesquisador ao fazer pesquisa são transformadas na escrita, possibilitando (re) pensar sua formação e as compreensões que produziu nas vivências na escola e nas disciplinas que participou. Meira (2007, p.49) argumenta que:

Para escrever bem, haveremos de aceitar esta lista de renúncias. Devemos aceitar a decepção narcísica de um texto mais simples do que pretendíamos; aceitar não redescobrir a roda, sequer reinventar a nossa ciência; aceitar não sermos capazes de rastrear toda a literatura existente sobre o tema estudado; aceitar que outros autores seguirão conhecendo mais sobre o assunto do que nós. Enfim, toda a produção científica deixa para traz um rol de perdas, da ordem do narcisismo de quem escreve.



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



Por meio da escrita os licenciandos podem problematizar suas compreensões sobre a docência e a pesquisa, trabalhando aspectos como a recursividade e a importância do outro nessas aprendizagens. Como ocorre na leitura crítica, onde o escrevente amplia suas compreensões diante do que escreve perante a forma como o interlocutor as percebe e problematiza. E nesse movimento de ir trabalhando com a escrita que as barreiras iniciais são vencidas, os medos de escrever, de como fazê-lo e de como será interpretado são minimizados, proporcionando a estes licenciandos uma nova perspectiva sobre a escrita: a sua possibilidade enquanto meio de formação, de forma epistêmica constituindo-os professores-pesquisadores no exercício de escrever.

Compreender que a pesquisa é principalmente momento de se permitir transformar, aprender e admitir não saber tudo. É o primeiro passo para tornar-se mais, ser um professor que aprende diariamente nos encontros com as pessoas e nos diálogos que estabelece. A grandiosidade inicial, na ânsia de mudar o mundo, se (re) significa no movimento de compreender-se essencial no processo, é transformando-se a si mesmo que o pesquisador muda o contexto que se insere.

A produção da monografia oportuniza a inserção e compreensões ao professor sobre a área da Educação Química, assim como perceber sua formação ao longo dos espaços que percorreu. Como narra a licencianda Victória em seu diário:

Neste momento senti necessidade de por meio deste expor um sentimento que acabei percebendo quando estava na frente do computador, escrevendo minha monografia. A medida com que estava lá, expondo minhas ideias e opiniões sobre meu tema, elaborando como seguiria minha pesquisa me percebi realmente como profissional na área da Educação.

Mesmo que em nosso curso desde o segundo ano já nos encontramos vinculados a escola e com sua realidade devido aos estágios, agora quando escrevo sobre meu tema acabo realmente me percebendo professora. Fico extremamente satisfeita ao me sentir assim, já que minha constituição foi realizada ao longo do tempo.

É como se nem percebêssemos, mas desde o início do curso acabamos nos construindo e reconstruindo professores. [9]

O fazer pesquisa em Educação Química possibilita ao licenciando em formação constituir-se professor de uma forma diferente, proporciona um novo olhar para a escola, para a sala de aula e para as relações que dela emergem. Segundo Arroyo (2011, p.27) ser professor é um modo de ser, onde:

Problematizar-nos a nós mesmos pode ser um bom começo, sobretudo se nos leva a desertar das imagens de professores que tanto amamos e odiamos. Que nos enclausuram, mais do que nos libertam. Porque somos



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



professores. Somos professoras. Somos, não apenas exercemos a função docente. Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal. Os tempos de escola invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte da nossa vida pessoal. É outro em nós.

A escrita no processo de produção da monografia organiza as ideias do pesquisador, torna mais claro o que se pretende fazer e o constitui enquanto professor que pensa na sala de aula enquanto espaço de pesquisa. A leitura crítica envolvida no processo de escrita potencializa ainda mais estas aprendizagens ao escrevente, proporcionando novas compreensões sobre o que escreveu e potencializa o processo recursivo envolvido. Proporciona compreender a pesquisa enquanto processo, transformação e construção de novos significados sobre as vivências experienciadas.

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

A proposta da disciplina busca potencializar a constituição de professores-pesquisadores, que aprendam a fazer pesquisa permeados por artefatos como a escrita e que compreendam o espaço da escola como meio para pesquisa e formação. Potencializando a inserção e o conhecimento da área da educação Química.

Argumentamos que o trabalho de escrita envolvido na monografia proporciona aos licenciandos uma formação diferenciada, com novos significados sobre ser professor-pesquisador. À medida que escrevem, leem e (re) escrevem constroem novas aprendizagens acerca de sua formação, da epistemologia da prática e de suas compreensões sobre pesquisa e ciência. Transformam-se no processo e percebem a importância de saírem da pesquisa de forma diferente de quando entraram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. 288 p.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MEIRA, Ana Cláudia Santos. **A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever**. Porto Alegre: Ed. EDIPUC, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.